

• DOSSIÊ

APRESENTAÇÃO

Lilian Lopondo

■ Um dos escritores cuja obra mais controvérsia tem suscitado é José Saramago. As múltiplas tentativas de divisão de sua produção em fases têm resultado infrutíferas: residem, nas obras denominadas “primeira fase” ou “período de formação”, elementos que serão retomados na segunda e na terceira. Por sua vez, os critérios para tal formulação são imprecisos, dadas a riqueza e a variedade de seus textos – poesia, teatro, conto, biografia –, irredutíveis a qualquer compartimentalização. Somem-se a isso as informações “autobiográficas” dos *Cadernos de Lanzarote* e as entrevistas aos diversos meios de comunicação, em que o autor não raro finda por transformar-se personagem de si mesmo, e está formada a confusão. O Prêmio Nobel de Literatura pôs mais lenha na fogueira ao suscitar inevitáveis comparações com a obra de outro português, António Lobo Antunes, e com a do brasileiro Jorge Amado.

Deixando de lado, por afastarem-se do conteúdo deste periódico, os textos do assim denominado, por Horácio Costa, “período de formação”, focalizemos, rapidamente, os romances publicados entre 1982 (*Memorial do convento*) e 2009 (*Caim*), a fim de detectar os traços recorrentes e/ou discrepantes da sua produção, e, ainda, os elementos que o consagraram como grande nome da literatura em língua portuguesa.

Chama a atenção, logo de início, a pontuação, reiteradamente objeto de exame da crítica especializada, que considera as vírgulas e os pontos finais traço marcante da oralidade nas narrativas do autor. Ora, cumpre ressaltar que, do ponto de vista estilístico, a sintaxe, por si só, é suficiente para colocar em xeque a questão da oralidade: a abundância da subordinação e de anacolutos ilustram-no à saciedade. Ademais, a pontuação, aliada ao diálogo socrático, é de capital importância não só porque eleva ao primeiro plano a figura do leitor (tantas vezes incorporado ao “nós” do narrador) ao delegar-lhe a entonação durante leitura, tornando-o coautor das obras, mas também porque revela o traço polifônico e “democrático” comum à sua produção.

Como explicar, ante o exposto, os instantes em que o narrador se dedica a certo proselitismo, como as ácidas observações a D. João V e ao clero, no *Memo-rial*; aos apuros de José e Maria quando da hora do parto, no diálogo com a criada Zelomi; ao adultério do oftalmologista com a rapariga dos óculos escuros; aos inconvenientes da massificação da arte em *A caverna*; à tradicional didática no ensino de História; à viagem que levará um elefante à Áustria; às conturbadas relações de Caim com o Senhor? A polifonia basta para responder à questão: a voz do narrador surge sempre como uma dentre muitas, que a ratificam e, na maioria das vezes, a contestam, colocando-a no mesmo plano da voz das personagens e do leitor, fazendo convergir a leitura para uma profusão de verdades, qual caleidoscópio cujo desenho se modifica conforme o manuseio.

Acrescente-se a elas o imbricamento tempo/espaço, indissolúvel, impulsionador do movimento de vaivém, fio condutor de todos os textos e cerne da formação da identidade dos protagonistas e da composição da trama: passa-se do presente ao passado – mítico ou histórico – e ao futuro, sem interrupções, na tentativa de neles detectar os passos da trajetória humana. Lisboa, Belém, Península Ibérica, *shopping center*, cidade são, em certa medida, reproduções da praça pública em que o indivíduo se expõe a e interage com o outro.

Diversas manifestações culturais, como a música, as artes plásticas, o cinema, o teatro, a política etc., contribuem para o adensamento dos romances e para a ampliação da mundividência saramaguiana, centrada sobre a tensão entre opostos e adensada por meio da inconclusibilidade de todos os textos.

Obras abertas, na concepção de Umberto Eco.

No início desta “Apresentação”, mencionamos a controvérsia. Ela, sem dúvida existe, marcada pela desigualdade da produção do escritor: não resta dúvida que *A caverna*, *As intermitências da morte*, *Ensaio sobre a lucidez* e *Caim* não alcançam o nível de excelência das demais narrativas, pois retomam, sem avançar, os procedimentos dos demais textos. Ainda assim, o saldo é positivo: o estilo e as categorias narrativas apenas apontadas atestam uma originalidade e um espírito inventivo a ombrear com os dos grandes nomes da literatura em língua portuguesa.

Por tudo o que foi referido anteriormente, justifica-se a publicação de um dossiê, no volume 12 (nº 2, 2010) do periódico *Todas as Letras*, em homenagem a Saramago no ano de sua morte. Foram selecionados trabalhos que, dispersos em anais de eventos, livros, dissertações e teses, integram este volume.

Ana Lúcia Trevisan e Maria Luiza Guarneri Atik, editora do periódico, examinam “A ficcionalização da história em *A viagem do elefante*”, penúltimo livro do autor, enfatizando a questão do tempo e a diluição das fronteiras entre a história oficial e a história privada.

O ensaio “A sátira menipeia e o mito relendo a modernidade”, de Aurora Gedra Ruiz Alvarez, examina, à luz das teorias bakhtinianas, as relações estreitas entre o romance saramaguiano *Ensaio sobre a cegueira* e a sátira menipeia, colocando em pauta o processo de busca da verdade e da autoconsciência das personagens.

Victoria Ferrara, integrante da Cátedra José Saramago, na Universidade de Córdoba (Argentina), com base na leitura de *La vida de los hombres infames* de Michel Foucault, em “Don José, una existencia infame en *Todos los nombres*”, de José Saramago, analisa o protagonista Sr. José com base no conceito de infâmia, proposto pela obra do filósofo francês.

O filme *Ensaio sobre a cegueira*, de Fernando Meireles, adaptação do livro homônimo de José Saramago, é examinado em “Em Portugal e alhures: *Ensaio sobre a cegueira*”, por Helena Bonito Couto Pereira, responsável pela disciplina Literatura e Cinema, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Em “La ficha de la mujer desconocida y los márgenes de una biografía”, Miguel Alberto Koleff, presidente da Cátedra Saramago, na Universidade de Córdoba (Argentina), toma como ponto de partida o verbete “Mujer desconocida, La”, do seu *Diccionario de personajes saramaguianos*, e focaliza a mulher procurada pelo Sr. José em *Todos os nomes*, destacando a fotografia (o duplo) e a escrita autoral.

O artigo “Tempo, espaço e reconhecimento em *Ensaio sobre a cegueira*”, de Lílian Lopondo e Angela Sivali Ignatti, na esteira dos estudos dos cronotopos, de Mikhail Bakhtin, investiga o binômio tempo/espaço nas três principais localidades onde se desenrola a ação: o manicômio, as ruas e as casas, a fim de apreender a *imago hominis* ali plasmada.

A diversidade de olhares sobre as narrativas do Nobel de Literatura, ao ressaltar determinados aspectos das narrativas, em muito contribui para a compreensão de uma vasta produção ficcional rica e instigante, e traz à memória as palavras do importante crítico literário brasileiro João Alexandre Barbosa: “a profusão de visadas sobre a obra de José Saramago – no Brasil ou no Exterior – mostra que seu trabalho resiste e, sem dúvida, resistirá à passagem do tempo”.